

Entre Limões de cheiro e açoites: o carnaval e a escravidão na imprensa ilustrada. Pelotas-RS, 1880-1889.

Aristeu Elisandro Machado Lopes
Doutorando em História/UFRGS – Bolsista CNPq
Professor Substituto da Universidade Federal de Rio Grande/FURG
e-mail: aristoriaufrgs@yahoo.com.br

Resumo: A imprensa ilustrada foi um dos ramos do jornalismo que mais se desenvolveram no Brasil do século XIX. As cidades mais desenvolvidas do Império contaram com este tipo de publicação como Pelotas, no sul do Rio Grande do Sul. Os periódicos *Cabrion*, *Zé Povinho* e *A Ventarola* foram os mais significativos abordando, em suas páginas de ilustrações, os mais variados temas. Entre eles, o carnaval e a escravidão. Esses assuntos constituem os objetivos da proposta de análise deste artigo. Pretende-se analisar como os periódicos abordaram, por um lado, o carnaval quase sempre relacionada as camadas mais populares e por outro, a escravidão, tão presente na sociedade escravista pelotense nos anos 1880.

Palavras-chave: Imprensa ilustrada – Pelotas – Carnaval – Escravidão

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A cidade de Pelotas no século XIX obteve um desenvolvimento significativo nas atividades relacionadas a imprensa e a literatura. Em parte, devido à existência de uma população letrada que encontrava nas livrarias um número variado de livros nacionais e importados e jornais, tanto diários como periódicos, a sua disposição. Ao longo daquele século Pelotas contou com uma gama variada de jornais diários, periódicos literários ou de assuntos diversos e almanaques. Entre os periódicos, três apresentavam-se como ilustrados e humorísticos: *Cabrion*, publicado entre os anos de 1879 e 1881; *Zé Povinho* que circulou nos primeiros seis meses de 1883 e *A Ventarola* fundada em 1887 e mantida até 1889. Estes periódicos consideravam tudo e todos passíveis de suas críticas, emitindo opiniões sobre os mais variados assuntos, dedicando uma parte significativa de sua produção à política do tempo. Por outro lado, uma vertente de sua atenção era direcionada à cidade, incluindo-se as condições de vida da população pobre ou escravizada. Neste artigo pretende-se abordar, através do carnaval e da escravidão, algumas das ilustrações e textos sobre essas temáticas analisando o conteúdo expresso na sátira e na crítica presentes na elaboração dos desenhos e textos humorísticos que eram transmitidos aos leitores através de uma apresentação cômica da realidade. Assim, aspira-se também demonstrar que a inditosa parcela da população foi um elemento caro às composições das expressões artísticas dos caricaturistas pelotenses.

“VOCÊ NÃO ME CONHECE? EU TE CONHEÇO”: O CARNAVAL NA IMPRENSA ILUSTRADA

O carnaval pelotense não diferiu daquele realizado por outras cidades do Império. Ele foi caracterizado por dois modelos distintos: o entrudo e o carnaval elegante. O primeiro era uma brincadeira de rua, trazida pelos imigrantes portugueses, na qual as pessoas atiravam, umas nas outras, água suja, ovos, farinha e outras substâncias. Característico do entrudo e do carnaval brasileiro no século XIX foram as bolas de ceras confeccionadas artesanalmente e preenchidas com água, conhecidas como limões de cheiro. Praticado, sobretudo, pelas camadas populares, o

entrudo era considerado um jogo estúpido que deveria ser substituído pelo segundo¹.

Em Pelotas a brincadeira ocorria na Rua São Miguel (atual XV de Novembro) e na Praça Pedro II (atual Coronel Pedro Osório): “No redondo da praça, ao que se diz, deram se episódios por demais picarescos, isto é... carnavalescos e entrudescos” (*A Ventarola*, 10/03/1889)². Entretanto não se restringiu somente a esses espaços, um cronista anônimo narrou no jornal *Cabrion* um “combate” realizado na Rua General Osório em 1880:

Esquecia-me de dar a notícia de um combate terrível que há dias teve lugar na Rua General Osório, quadra entre as ruas S. Jeronymo e 7 de Setembro - A arma escolhida foi baldes d'água e limões. Foi tal o motim que, parecendo um grave conflito, fez ali reunir se um grande numero de transeuntes, inclusive muitas praças do destacamento policial (*Cabrion*, 08/02/1880).

Possivelmente os episódios narrados pelos periódicos foram protagonizados por elementos oriundos de camadas populares, e não pelo grupo social formado por famílias essencialmente brancas e abastadas. Estas, norteadas por normas européias, desfrutavam dos *Bal-masqués* (bailes de máscaras) oferecidos pelas sociedades recreativas e bailantes. Fora do período do carnaval essas associações eram as principais formas de lazer da cidade no século XIX (LONER, 2002b, p.44) Entretanto, a barreira entre os segmentos sociais não era tão resistente em cidades maiores, como aponta Maria Clementina Cunha ao relatar o entrudo realizado na cidade do Rio de Janeiro:

das janelas e sacadas, ou no leito das ruas, mulheres e homens de variada extração social divertiam-se empenhadamente em atirar limões-de-cheiro - ou para os menos refinados, gamelas de água (limpa ou suja) - nos passantes, mesmo quando fossem sociedades incorporadas, solenes e luxuosas, ansiosas por achar Paris na estreita rua do Ouvidor, enquanto escravos brincavam de esfarinhar-se e melar-se junto aos chafarizes, caracterizando-se como brancos em uma encenação de evidente sátira social. Cartolas e casacas envergadas por altivos senhores tornavam-se então alvos preferenciais de pilhéria, que consistia em, literalmente, destruir tais signos de distinção social entre assuadas e gargalhadas - mesmo sob o risco da intervenção da polícia (CUNHA, 2002, p.374).

¹ Mais informações sobre o carnaval pelotense no século XIX e no início do século XIX podem ser obtidas em: BARRETO, Alvaro. *Dias de folia. O carnaval pelotense de 1890 a 1937*. Pelotas: UCPel, 2003.

² Todas as citações dos jornais tiveram sua grafia atualizada.

Retornando a citação do periódico *Cabrion*, que destacava a interferência policial na resolução do “grave conflito”, nota-se que a brincadeira não agradava a todos, gerando descontentamento por parte dos vitimados e sendo alvo de críticas dos redatores dos jornais. Em 1880, em artigo intitulado “Bisnagadas” o mesmo jornal fez a seguinte descrição do carnaval realizado na Praça Pedro II: “todas as noites é ali um dilúvio de bisnagas, seringas e limões, que parece um inferno...molhado” (*Cabrion*, 01/02/1880). Na edição seguinte, novas críticas surgem assinadas por “Zé-bisnaga”: “Venham as críticas e alusões, venham os cancans desenfreados e abaixo o estúpido entrudo com seus brutais adeptos!” (*Cabrion*, 08/02/1880). Já o periódico *A Ventarola* inseriu na primeira página de sua edição de 03 de março de 1889 o resultado do entrudo que, apesar do tom simpático, apresentava os resultados prejudiciais deixados pela festa. (FIGURA 1) Na ilustração ficava evidente que a prática carnavalesca do entrudo era um jogo selvagem, que destruía, com seus modos grosseiros, tudo que estivesse no caminho dos foliões. Essa brincadeira deveria desaparecer em favorecimento dos elegantes bailes, que foram o alvo principal das notícias sobre os eventos carnavalescos, tanto em 1888 como em 1889.



FIGURA 1: Quarta-feira de cinzas.

Fonte: *A Ventarola*, Pelotas, n.102, p.1, 10 mar. 1889. Acervo: BBP

Além de ter sido considerado um jogo bárbaro o entrudo era responsável por causar diversas moléstias. O periódico *Cabrion* em 1881 afirmou ser as bisnagas o motivo “para tanta gente com tosse e sofrendo do peito; pois não sabem que as bisnagas constipam. A constipação provida de uma forte bisnagada é muitas vezes, sofrimento para perto de um ano” (*Cabrion*, 20/02/1881). Em 1886 a Inspetoria Geral de Higiene da Corte, passou à população o seguinte aviso:

A Inspetoria Geral de Higiene aconselha aos habitantes desta capital que se abstenham do jogo do entrudo, divertimento bárbaro, impróprio de uma nação civilizada. As supressões básicas da transpiração, os resfriamentos, consequência imediata do entrudo, são as causas mais poderosas da tísica pulmonar, de todas as moléstias graves, especialmente a febre amarela (CANO; ARDUINI, 2003, p.04).

Concomitante ao entrudo houve no carnaval de rua um tipo particular de folião: o fantasiado avulso, chamado de pulha. Eles apareciam, às vezes, em grupos percorrendo as ruas, fazendo a pergunta: “tu não me conheces? Eu te conheço”. Estes fantasiados foram alvo de críticas da imprensa, que os menosprezavam. Em 1883, um cronista do jornal *Zé Povinho*, se protegendo sob o pseudônimo de *Demócrito*, tratou os avulsos da seguinte forma: “estamos em pleno carnaval, é dizer, na época dos pulhas e princeses (sic), na época em que a rapaziada pratica mil diabruras pelas ruas e salões de bailes, com prejuízo da bolça (sic) e da saúde, julgando que se diverte” (*Zé Povinho*, 04/02/1883). Em 1889, foi novamente razão de crítica em *A Ventarola*: “Segunda-feira, havendo melhor tempo, exibiram-se alguns mascarados, em grande parte *pulhas* do fastidioso *tu não me conheces? eu te conheço...*, bobos alegres que, suando em bicas, melhor fariam se se deixassem ficar em casa matando pulgas” (*A Ventarola*, 10/03/1889). (grifo do jornal).

O que se constata através das críticas era um preconceito por parte dos redatores dos jornais a este tipo de folião, geralmente associado as camadas inferiores da população: “O *Zé Povinho* divertiu-se a valer, fazendo de pulha, de bexiga e de princez (sic). Que mais quer ele?” (*A Ventarola*, 19/02/1888). No caso do jornal *A Ventarola*, as críticas a esse tipo de mascarado foram mais contundentes estando presente nos dois anos que o jornal acompanhou as festas carnavalescas. “Quando tomarão juízo estes idiotas, santo deus?... Não aparecerá, por caridade, quem se encarregue de dissuadi-los de semelhante bobagem?...” (*A Ventarola*, 17/03/1889). No entanto, quando os foliões avulsos constituíam um grupo de assalto formado por membros de

famílias conhecidas e ricas, as críticas se transformavam em elogios como pode se averiguar na continuação da mesma crônica citada acima quando o autor *Simplicio* elogiou um destes grupos: “Mas... á noite, como para remate das festas carnavalescas, um grupo de interessantes jovens da nossa elite, envergando vistosos dominós, deu um passeio pela cidade, fazendo gentil visita a famílias de seu conhecimento”. Assim verifica-se que os jornais diferenciavam os foliões avulsos (os pulhas) considerados importunos, que vagueavam pelas ruas com uma fantasia medíocre fazendo sua particular pergunta e aqueles oriundos de famílias conhecidas, fantasiados ordeiros que somente visitavam casas de pessoas com a mesma condição social. Duas ilustrações veiculadas nesta mesma edição d’*A Ventarola*, noticiando o carnaval de 1889, exemplificam essa constatação. (FIGURAS 2 e 3)



FIGURA 2: O carnaval de rua – banda e foliões avulsos.

Fonte: *A Ventarola*, Pelotas, n.103, p.4, 17 mar. 1889. Acervo: BBP



FIGURA 3: O carnaval fechado – grupo de assalto.

Legenda: ... e visitando algumas illustres familias onde todos se entregaram por algum tempo aos prazeres da dança.

Fonte: *A Ventarola*, Pelotas, n.103, p.4, 17 mar. 1889. Acervo: BBP

Na primeira ilustração o periódico apresentava uma cena do carnaval de rua. Num primeiro plano aparecem os músicos puxando os foliões; logo em seguida, num segundo plano, surgem dois foliões avulsos, os “pulhas”. Destaca-se ainda, no canto superior esquerdo um estandarte de um bloco carnavalesco. O cortejo é espreitado por homens de cartola, os quais provavelmente não participavam da festa. Já a segunda representava uma atividade carnavalesca fechada (vê-se no fundo da composição um lustre e cortinas de janela) com um grupo de assalto “ordeiro”, se divertindo, provavelmente num baile particular, como afiançava a legenda: “... e visitando algumas illustres famílias onde todos se entregaram por algum tempo aos prazeres da dança”. Nota-se ainda nesta imagem uma unidade na fantasia; em detrimento da imagem anterior que apresentava os foliões fantasiados aleatoriamente.

O “BALUARTE DA ESCRAVAGISMO”: A MORTE DO ESCRAVO JERONYMO E O ASSASSINATO DA CONTRATADA³ PÓRCIA.

Pelotas concentrou um número significativo de charqueadas ao longo do século XIX transformando o charque no principal produto de seu desenvolvimento econômico. Na fabricação foi utilizada a mão-de-obra escrava proporcionando assim uma das maiores concentrações de

³ Vale destacar que a Abolição dos escravos já havia ocorrido, em parte, em Pelotas em 1884, por isso Pórcia era uma contratada, ou seja, ex-escrava.

população negra do império. Essa característica foi asseverada pelo periódico *A Ventarola* que, logo após a abolição, afirmou “vivemos entre o mais inexpugnável baluarte do escravagismo da Província”. Dois casos de assassinato proporcionaram uma tomada de posição dos hebdomadários em relação a escravidão: o assassinato do escravo Jeronymo ocorrido em 1881 e noticiado pelo *Cabrion* e a morte da contratada Pórcia em 1888 tema abordado em *A Ventarola*.

Jeronymo, 16 anos, morreu após ter sido açoitado pelo capataz da charqueada na qual era escravo. O assassinio teve grande repercussão na sociedade pelotense e foi motivo para longos debates entre os jornalistas da imprensa pelotense. O periódico *Cabrion* que condenou a ocorrência e exigiu punição aos culpados, criticou também o jornalista Antonio Joaquim Dias, proprietário do jornal diário *Correio Mercantil*. Conforme o caricaturista Eduardo Guerra, responsável pelas ilustrações do periódico, Dias tornou-se o defensor dos assassinos escrevendo artigos tentando ludibriar a opinião pública e, para desempenhar tal função, recebia dinheiro do charqueador. Na primeira página da edição do dia 03 de abril de 1881, o periódico publicou uma lápide com a inscrição: “Aqui jaz o infeliz Jeronymo vitima do cancro social que civiliza o nosso país”. Aos lados aparecem quatro algozes e no centro da composição alguns objetos utilizados para castigar os escravos. Apenas um dos carrascos foi mostrado de frente; ele é Dias que traz na mão um papel com a inscrição: “Correio Mercantil defensor perpétuo de infâmias”. O jornalista não participou da morte do escravo, contudo, devido a sua propaganda em prol dos assassinos, foi considerado pelo caricaturista como um deles. (FIGURA 4)



Figura 4: O assassinato do escravo Jeronymo

Legendas: (Na lápide) Aqui jaz o infeliz Jeronymo vítima do cancro social que civiliza o nosso país.

E ainda há miseráveis que se prestam a defesa!...

(Na mão do homem do canto direito) Correio Mercantil defensor perpétuo de infâmias.

Fonte: *Cabrion*, Pelotas, n.114, p.1, 03 abr. 1881. Acervo: BBP

A posição acatada pelo *Cabrion*, em relação à escravidão e a condição de vida dos escravizados, se tornou mais clara após o assassinato. Eduardo Guerra adotou também uma postura contra os proprietários de escravos que dispunham de dinheiro e influências para abafar os crimes:

Não é por se dizer – é negro – que não se deve punir por esse infeliz que a desgraça o destinou à escravidão, nem tão pouco por os algozes serem ricos e poderosos que se lhes faça a justiça imputando-lhes a culpabilidade do crime, dando assim um exemplo a essa aristocracia moderna que por tantos crimes é responsável, mas que os abafam porque para isso dispõem do baronato, da comenda, do pergaminho e do dinheiro (*Cabrion*, 10/04/1881).

Ao lado disso, o periódico rogava ao promotor e ao juiz que não vacilassem em nenhum instante, uma vez que a morte do “infeliz Jeronymo é a expectativa popular desta cidade.”

Em outro artigo publicado em 17 de abril de 1881, Guerra deixou transparecer sua posição sobre a escravidão, ao afirmar que a sociedade herdou o “cancro que presentemente nos horroriza, é necessário resolvê-lo, é um dever e é uma obra de caridade”. Ele destacava que não se deve conceber a injúria diária que diz “[...] é lei a escravidão. É escravo, apanhe o vergalho.” Em seguida afirmava que os escravistas não têm sentimentos e que “tendo ouro tem tudo o que desejam”; contra isso conclama: “devemos ter brio e dignidade, deixemo-nos de contemplações”.

O periódico findou sua circulação em junho de 1881, não obstante, o caso Jeronymo continuou sendo veiculado nos jornais diários. Noticiaram as audiências realizadas a partir das denúncias da promotoria pública para a inquirição das testemunhas e através da imprensa diária foi possível constatar que além do charqueador Sr. Paulino Leite, seu irmão Antonio Leite e do capataz Sr. Manoel Oliveira, três escravos: Antonio, Marcelino e Casemiro foram acusados de serem os executores dos castigos sofridos pelo escravo (*Diário de Pelotas*, 26/06/1881). Em setembro daquele ano, relatava que os escravos foram recolhidos à cadeia a fim de responderem ao processo juntamente com o capataz Manoel de Oliveira que já estava preso (*Diário de Pelotas*, 02/09/1881).⁴

A jovem de 22 anos chamada Pórcia foi morta em dezembro de 1887 por estrangulamento pelas suas senhoras, as quais eram denominadas pel’A *Ventarola* de “víboras danadas”. Um crime semelhante ao anterior e que novamente foi motivo para debates na imprensa pelotense. O periódico não só condenou o crime como exigiu a punição das culpadas e se posicionou condenando a escravidão.

Conforme o jornal, o fato somente foi apurado após uma denúncia feita ao delegado de polícia que investigou o caso e constatou que a contratada não morrera repentinamente como afirmava o atestado de óbito, mas que a morte foi provocada por estrangulamento. Através da autópsia feita no cadáver “verificou-se que a miseranda Pórcia apresentava uma interminável sucessão de sevícias, algumas das quais, como as que apresentavam nas partes sexuais, feita a ferro incandescente”. Reproduzindo parte da notícia veiculada em *A Pátria* o periódico relatava que havia no corpo “chagas antigas e recentes” além de apresentar “as costelas e as nádegas despidas de pele” (*A Ventarola*, 11/12/1887).

⁴ Informações obtidas a partir de LONER, Beatriz Ana. *Formas de Organização dos trabalhadores na luta contra a Escravidão (1880-1888)*. Pelotas; NDH/UFPel, 2002a. (Projeto de pesquisa).

A narração do crime, feita nas ilustrações, ocupou toda a página oito e foi dividida em três quadros. (FIGURA 5) A cena do assassinato foi representada no interior de uma casa, certamente a propriedade de Ignácio dos Santos, o contratador. No primeiro quadro apresentavam-na com as mãos amarradas e com uma corda no pescoço; ao lado duas mulheres batiam com bastões em suas costas. A legenda denunciava as autoras: “a perversidade de Maria do Carmo e de Josefina sua filha, reduziu a este estado uma infeliz que apenas contava 22 anos de idade!!!”. No segundo quadro as duas mulheres aparecem enforcando Pórcia, que foi representada seminua e esfarrapada. A legenda avalizava que os suplícios eram de longa data e que depois de “praticarem as maiores atrocidades acabaram por assassiná-la”. O terceiro quadro traz uma mesa com um caixão fechado. A última legenda faz referência ao atestado de óbito e sobre a participação de médicos neste tipo de crime: “vai depressa e arranca de qualquer médico um atestado no qual se diga que ela morreu de repente. Depressa antes que venha a polícia”.

A partir desta legenda, pode se deduzir que, em alguns casos, os médicos eram coniventes com os assassinatos de escravos, ou seja, há grande probabilidade de que outros crimes semelhantes a este tenham ocorrido, porém foram acobertados através da emissão de certidões de óbitos falsas. A questão do assassinato da contratada retornou às páginas do periódico, meses depois. O motivo foi questionar que até aquele momento o crime ainda não havia sido solucionado. No texto denunciavam que as “duas tigras com feições de mulheres” assassinas da contratada Pórcia continuavam em liberdade. Fazendo uma retrospectiva do crime, destacavam que o fato “produziu sensação” e as autoridades policiais prenderam, como resultado do inquérito, o “marido da mulher apontada como autora daquele célebre crime” (*A Ventarola*, 29/04/1888). Contudo, o indivíduo foi solto e as assassinas fugiram da cidade para o distrito do Herval.

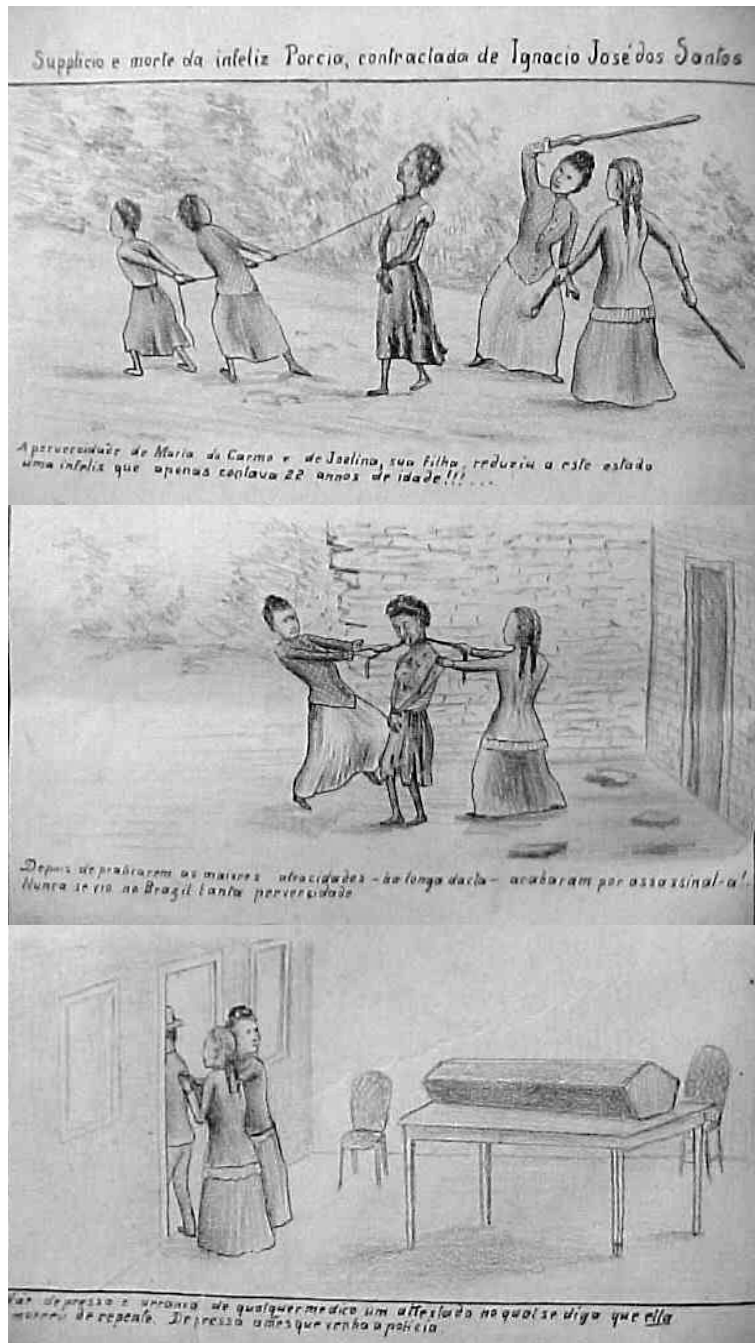


Figura 5: O assassinato da contratada Pórcia

Legendas: Suplicio e morte da infeliz Pórcia, contratada de Ignacio José dos Santos.

A perversidade de Maria do Carmo e Josefina, sua filha, reduziu a este estado uma infeliz que apenas contava 22 anos de idade!!! Nunca se viu no Brasil tanta perversidade.

Depois de praticarem as maiores atrocidades – há longa data – acabaram por assassina-la!

Vai depressa e arranca de qualquer médico um attestado no qual se diga que ella morreu de repente. Depressa antes que venha a policia.

Fonte: *A Ventarola*, Pelotas, n.36, p.8, 11 dez. 1887. Acervo: BBP

Quando da ocorrência da morte de Pórcia, a questão do fim da escravidão e a conseqüente abolição estavam sendo amplamente debatidas, não só em Pelotas como no resto do Império. O caso tornou-se um elemento para ampliar essas discussões e condenar a escravidão. Analisando o tratamento dispensado à causa em *A Ventarola* é possível afirmar que o periódico não adotou uma posição abolicionista clara, embora deixasse transparecer, em alguns casos, a condenação ao regime escravocrata. Exemplar desta posição é um artigo publicado um pouco antes do assassinato de Pórcia. Nele relatavam uma notícia dada pelo jornal republicano *A Federação* de Porto Alegre que causou indignação nos pelotenses. O conteúdo denunciava que “nesta bela e rica cidade de Pelotas se mata e se esfolia negros ai por essas margens do São Gonçalo e Pelotas”. O periódico apresentou uma contraposição à acusação do jornal de Porto Alegre, destacando as condições de vida dos escravos na cidade:

O cativo aqui é uma condição suavíssima, em parte alguma do mundo não houve e não há lugar onde os cativos gozem de mais regalias. Os escravizados, entre nós, passam uma vida deliciosa. Assim vale a pena ser cativo: comendo pão de ló e passando vida cômoda e regalada, quem não quererá ser escravizado? Isso de tronco, de ferros aos pés e galheira ao pescoço é bom lá para o norte: entre nós a coisa muda de figura (*A Ventarola*, 27/11/1887).

Este parágrafo do texto passa, a princípio, um tom de seriedade que pode ser compreendido a partir de uma primeira leitura. No entanto, ao analisar o seu conteúdo e se tratando de um periódico humorístico fica patente que, não se trata de uma resposta a *A Federação*; o trecho pode ser lido como uma afirmação da denúncia do jornal porto-alegrense. A forma encontrada para rebater a crítica deve ser entendida também como uma sátira à escravidão, direcionada à sociedade escravista pelotense.

Três números após denunciar que o assassinato da contratada Pórcia ainda não tinha sido solucionado, *A Ventarola* noticiava a promulgação da lei Áurea: “inda não era meio-dia a 13 do que corre, quando tive o grandíssimo alegrão de que nesta terra do xarque (sic) e do café já não havia mais escravos”. O periódico, levando sempre à frente o seu propósito de satirizar os acontecimentos, tratou de dissertar não sobre a nova condição dos escravos libertados pela lei; abordou a situação em que se encontrariam, de agora em diante, os ex-senhores de escravos:

Comecei eu a pensar, então, cá com os meus botões: como se arranjará este pobre *Zé Povinho* que vivia a sombra do negro e que não sabe as *doçuras* que o trabalho tem?

Sim senhores, trabucava eu comigo, como hão de continuar na inércia robustos moços que tinham quatro *gatos* para mandar sulcar a terra?

Como hão de sobreviver tantos velhos preguiçosos que nasceram e envelheceram, vivendo como quase parasitas – de suor do escravo?

Meus senhores e minhas senhoras (como dizem os discursadores): é preciso que vos capaciteis de que – quem não pode com o tempo não inventa modas.

Há muito tempo que os abolicionistas lhes diziam: preparem-se, a tempestade não está longe. Vossas Excelências entendiam que eles eram uma corja de sacripantes (sic) que queria privar-vos daquele engano d’alma ledo e cego, em que tinham Vs. Exas. vivido por tantos anos (*A Ventarola*, 20/05/1888). (grifo do jornal).

Pelo trecho, nota-se o mesmo tom satírico empregado no texto anterior que tratava da notícia-denúncia d’*A Federação*. Neste, ao contrário daquele, não foram salientadas as condições de vida dos escravos, os quais viviam a “pão de ló”, contudo a sátira foi novamente endereçada à sociedade escravista pelotense, já que destacou os “problemas” que passariam os senhores de escravos para se adaptar à nova condição. Comparando, ainda, os dois artigos, pode-se considerar que, se no primeiro apontaram as condições confortáveis da vida no cativeiro, o segundo “desmentiu” essa construção, demonstrando que esse relato foi elaborado, sobretudo, para proporcionar o riso do leitor através de uma apresentação cômica da realidade, como evidenciam os dois textos analisados.

Já ao anunciar as repercussões da lei na cidade o periódico demonstrou em suas páginas que, para “os ilustres escravocratas pelotenses” a lei teve o mesmo efeito de uma “bomba de dinamite”. Numa seqüência de quadros a reação das “senhoras beatas escravagistas (sic)” foi o mote principal dos desenhos. Assim que a notícia chegou, elas tinham esperanças que a lei não abrangesse contratados e libertos, entretanto isso não ocorreu e elas rogaram “mil pragas à princesa imperial e xingaram o senhor João Alfredo”. Narraram que muitas delas, tentando impedir que os escravos soubessem da boa nova, “encerraram os mesmos em quartos e porões” ou tentaram fugir para o interior levando-os consigo. As ilustrações representaram essas mulheres esbravejando contra os escravos, os quais, davam “bananas” e adeus para suas ex- senhoras. Por fim, destacaram que muitas delas iriam retirar seus maridos dos partidos monárquicos, tornando-

a veiculação de caricaturas satirizando as mazelas que o regime proporcionava, contrastando-as com as benesses dos ideais republicanos. Para o jornal pelotense a escravidão, a religião e a monarquia eram os grandes males que emperravam o desenvolvimento do Brasil e aquele que lutasse contra um, deveria lutar contra todos.

Quanto ao assassinato de Pórcia, nenhuma relação entre sua morte e a lei da abolição, promulgada cerca de cinco meses após o crime, foi realizada. Apesar disso, ao demonstrar o desconsolo das mulheres escravistas, das quais, conforme o periódico, nem mesmo ao demônio entregariam estes “entes queridos” e lembrando que foram duas mulheres também escravocratas que assassinaram a contratada, pode-se dizer que, pelo menos nas páginas d’*A Ventarola*, Pórcia estava vingada!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através de dois temas – o carnaval e a escravidão – abordados na imprensa ilustrada e humorística pelotense do século XIX foi possível traçar algumas considerações em relação a população pobre ou escravizada em Pelotas. O carnaval era demarcado claramente por divisões sociais não ocorrendo um “mundo ao revés” (como ocorria na Corte) ou seja, pobres brancos ou negros e escravos não se misturavam com brancos ricos. Enquanto os primeiros desfrutavam do carnaval aberto, assinalado pelo entrudo, os segundos gozavam de um carnaval fechado, chamado por eles de elegante, oferecido pelas associações e clubes ou até particulares. Ainda sobre o carnaval foi averiguado um preconceito em relação aos fantasiados avulsos que desfilavam pelas ruas, “importunando” as pessoas com a pergunta: “Você não me conhece? Eu te conheço”. A imprensa ilustrada ao noticiar as atividades carnavalescas condenava-os, chamando-os pejorativamente de pulhas. E ao combatê-los, juntamente com o entrudo, contribuía para manter a bifurcação social existente na sociedade pelotense que se evidenciava no período das festas momescas.

Ao que tange a escravidão, ao contrário de outros periódicos ilustrados de outras cidades, (como a *Revista Ilustrada* do Rio de Janeiro) os de Pelotas não se declaravam abertamente abolicionistas. Essa atitude, privavelmente, foi tomada devido a parcela dos seus leitores e

assinantes, oriundos da camada social rica e escravocrata. Contudo, com a ocorrência dos assassinatos do escravo Jeronymo e da contratada Pórcia se posicionaram, condenando as mortes e exigindo punição aos culpados. Assim procedendo, as imagens e textos veiculados sobre esse assunto deixaram transparecer as condições de vida dos escravos, salientando as mazelas dos vitimados e os privilégios que os opressores desfrutavam para escapar da condenação. As duas temáticas, o carnaval e a escravidão foram trabalhados paradoxalmente pelos periódicos: se por um lado combatiam o entrudo e os foliões “pulhas” constituídos por elementos provenientes de camadas populares, por outro condenavam os crimes e criticavam a escravidão. Nesse sentido, vale considerar que essa produção artística e textual se constitui num manancial rico à análise da participação dos elementos provenientes das classes populares na história da cidade de Pelotas nos últimos anos do Império, imputados à exclusão social por uma sociedade marcadamente opulenta, escravista e branca.

Fontes:

Centro de Documentação e Obras Valiosas/Biblioteca Pública Pelotense – Pelotas/RS:

Cabron (1880-1881)

Zé Povinho (1883)

A Ventarola (1887-1889)

Referências:

BARRETO, Alvaro. *Dias de folia. O carnaval pelotense de 1890 a 1937*. Pelotas: UCPel, 2003.

CANO, Jefferson e ARDUINI, Guilherme Ramalho. *Circularidade e Resistência Cultural no Carnaval Paulistano (1920-1945)*. Projeto de pesquisa. Campinas: UNICAMP, 2003.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. Vários Zés, um sobrenome: as muitas faces do senhor pereira no carnaval carioca da virada do século. In: _____(Org.). *Carnavais e outras f(r)estas. Ensaios de história social da cultura*. Campinas: UNICAMP/CECULT, 2002. p.371-417.

LONER, Beatriz Ana. *Formas de Organização dos trabalhadores na luta contra a Escravidão (1880-1888)*. Pelotas; NDH/UFPel, 2002a. (Projeto de pesquisa).

LONER, Beatriz Ana. Pelotas se diverte: Clubes recreativos e culturais do século XIX. *História em Revista*. Pelotas: Núcleo de Documentação Histórica/Universidade Federal de Pelotas, v.8, dezembro de 2002b, p. 37-68.